



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO

A CHIPRE E À GRÉCIA

(2-6 DE DEZEMBRO DE 2021)

SANTA MISSA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Atenas - Sala de Concertos Megaron

Domingo, 5 de dezembro de 2021

[Multimídia]

Neste II domingo do Advento, a Palavra de Deus apresenta-nos a figura de São João Baptista. O Evangelho sublinha dois aspetos: o lugar onde se encontra – o deserto – e o conteúdo da sua mensagem – a conversão. Deserto e conversão: o Evangelho de hoje insiste nisto, e com uma insistência tal que nos faz compreender que estas palavras nos dizem respeito diretamente. Acolhamo-las ambas.

O deserto. O evangelista Lucas apresenta este lugar duma maneira particular. Com efeito fala de circunstâncias solenes e de grandes personagens da época: refere o décimo quinto ano do imperador Tibério César, o governador Pôncio Pilatos, o rei Herodes e outros «líderes políticos» de então; depois menciona os chefes religiosos, Anás e Caifás, que estavam no Templo de Jerusalém (cf. *Lc 3, 1-2*). Neste ponto, declara: «a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto» (*Lc 3, 2*). Como é possível? Esperávamos que a Palavra de Deus se dirigisse a um dos grandes, acabados de citar. Mas não. Das linhas do Evangelho emerge uma subtil ironia: dos nobres palácios onde moram os detentores do poder, passa-se inesperadamente para o deserto, para um homem desconhecido e solitário. Deus surpreende-nos, as suas opções surpreendem: não entram nas previsões humanas, não seguem o poder e a grandeza que o homem habitualmente Lhe associa. O Senhor prefere a pequenez e a humildade. A redenção não

começa em Jerusalém, Atenas ou Roma, mas no deserto. Esta estratégia paradoxal oferece-nos uma mensagem muito bela: ter autoridade, ser cultos e famosos não constituem garantias para agradar a Deus; antes pelo contrário, poderia induzir-nos ao orgulho e a rejeitá-Lo. Em vez disso, ajuda ser pobres intimamente, como pobre é o deserto.

Detenhamo-nos no paradoxo do deserto. O Precursor prepara a vinda de Cristo neste lugar impérvio e inospitaleiro, cheio de perigos. Ora, se alguém quer fazer um anúncio importante, habitualmente vai a lugares belos, onde há muita gente, onde goza de visibilidade. Ao contrário, João prega no deserto. E precisamente naquele lugar da aridez, naquele espaço vazio que se estende a perder de vista e onde quase não há vida, precisamente lá se revela a glória do Senhor, que – como profetizam as Escrituras (cf. *Is* 40, 3-4) – transforma o deserto em lago, a terra árida em nascentes de água (cf. *Is* 41, 18). Aqui está outra mensagem encorajadora: agora como então, Deus volta o seu olhar para onde dominam tristeza e solidão. Podemos experimentá-lo na vida: com frequência Ele não consegue tocar-nos enquanto estamos no meio dos aplausos e só pensamos em nós mesmos; alcança-nos sobretudo nas horas da provação. Visita-nos nas situações difíceis; é nos nossos vazios, nos nossos desertos existenciais, que Lhe deixamos espaço. É aí que nos visita o Senhor.

Queridos irmãos e irmãs, na vida dum pessoa ou dum povo, não faltam momentos em que se tem a impressão de encontrar-se no deserto. E é precisamente aí que se faz presente o Senhor, que muitas vezes não é acolhido por quem se sente bem-sucedido, mas pela pessoa que se sente incapaz de vencer. E vem com palavras de proximidade, compaixão e ternura: «Não temas, porque Eu estou contigo; não te angusties, porque Eu sou o teu Deus. Eu fortaleço-te e auxilio-te» (41, 10). Ao pregar no deserto, João assegura-nos que o Senhor vem para nos libertar e de novo nos dar vida precisamente nas situações que parecem irresgatáveis, sem vias de saída: é aqui que Ele vem. Assim, não há lugar que Deus não queira visitar. E hoje só podemos sentir alegria em vê-Lo escolher o deserto, para nos alcançar na nossa pequenez que ama e na nossa aridez que quer dessedentar. Portanto, caríssimos, não temais a pequenez, porque a questão não é ser pequenos e poucos, mas abrir-se a Deus e aos outros. E não temais sequer a aridez, pois não a teme Deus que nela nos vem visitar.

Passemos ao segundo aspeto: *a conversão*. João Baptista pregava-a sem parar e de forma veemente (cf. *Lc* 3, 7). Também esta é uma temática «incómoda». Tal como o deserto não é o primeiro lugar onde gostaríamos de ir, assim também o convite à conversão certamente não é a primeira proposta que gostaríamos de ouvir. Falar de conversão pode gerar tristeza; parece-nos difícil conciliar com o Evangelho da alegria. Mas isto verifica-se quando a conversão se reduz a um esforço moral, como se fosse fruto apenas do nosso empenho. O problema está precisamente aqui: em *basear tudo sobre as nossas forças*. Isto é errado! Aqui se escondem também a tristeza espiritual e a frustração: queremos converter-nos, ser melhores, superar os nossos defeitos, mudar, mas sentimos que não somos plenamente capazes e, apesar da boa vontade, sempre voltamos a cair. Provamos a mesma experiência de São Paulo que, precisamente a partir destas

terras, escrevia: «O querer está ao meu alcance, mas realizar o bem, isso não. É que não é o bem que eu quero que faço, mas o mal que eu não quero, isso é que pratico» (*Rm 7, 18-19*). Então se, sozinhos, não temos a capacidade de fazer o bem que queremos, que significa que devemos converter-nos?

Nisto pode ajudar-nos a vossa bela língua, o grego, com a etimologia do verbo evangélico «converter – *metanoéin*». Compõe-se da preposição *meta*, que aqui significa *além*, e do verbo *noéin*, que quer dizer *pensar*. Assim converter-se é *pensar além*, isto é, ir além da maneira habitual de pensar, além dos nossos habituais esquemas mentais. Concretamente penso nos esquemas que reduzem tudo ao nosso eu, à nossa pretensão de autossuficiência; ou nos esquemas fechados pela rigidez e o medo que paralisam, pela tentação «sempre se fez assim, para quê mudar?», pela ideia de que os desertos da vida são lugares de morte e não da presença de Deus.

Ao exortar-nos à conversão, João Batista convida-nos a ir além, não nos detendo aqui; ir além daquilo que os nossos instintos nos sugerem e os nossos pensamentos fotografam, porque a realidade é maior: é maior do que os nossos instintos, os nossos pensamentos. Na verdade *Deus é maior*. Então converter-se significa não dar ouvidos ao que enterra a esperança, a quem repete que nada mudará jamais na vida... os pessimistas de sempre! É recusar-se a acreditar que estamos destinados a afundar nas areias movediças da mediocridade; é não ceder aos fantasmas interiores, que surgem sobretudo nos momentos de provação para nos desanimar, dizendo que não vamos conseguir, que tudo está errado e que tornar-se santo não é para nós. Não é assim, porque há Deus. É preciso confiar n'Ele, porque é Deus *o nosso além*, a nossa força. Tudo muda, se se deixar a Ele o primeiro lugar. Eis a conversão: ao Senhor, basta a nossa porta aberta para entrar e fazer maravilhas, assim como Lhe bastaram um deserto e as palavras de João para vir ao mundo. Não pede mais nada!

Peçamos a graça de acreditar que, com Deus, as coisas mudam, que Ele cura os nossos medos, sara as nossas feridas, transforma lugares áridos em nascentes de água. Peçamos *a graça da esperança*, porque é a esperança que reanima a fé e reacende a caridade; porque é de esperança que hoje estão sequiosos os desertos do mundo. E enquanto este nosso encontro nos renova na esperança e na alegria de Jesus, e eu rejubilo por estar convosco, peçamos à nossa Mãe, a Toda Santa, que nos ajude a ser, como Ela, *testemunhas de esperança* – a esperança, irmãos e irmãs, não dececiona, nunca dececiona –, semeadores de alegria ao nosso redor; e não só quando estamos felizes e juntos, mas todos os dias, nos desertos que habitamos. Porque é aqui, com a graça de Deus, que a nossa vida é chamada a converter-se. É aqui, nos muitos desertos do nosso interior ou do ambiente circundante, que a vida é chamada a florescer. Que o Senhor nos dê graça e coragem de acolher esta verdade!

Saudação do Santo Padre no fim da Santa Missa

Queridos irmãos e irmãs!

No final desta celebração, desejo expressar a minha gratidão pelo acolhimento que recebi entre vós. Obrigado de todo o coração! *Efcharistó* [obrigado]!

Da língua grega, veio para toda a Igreja esta palavra que resume o dom de Cristo: *Eucaristia*. Deste modo, para nós cristãos, o agradecimento está inscrito no coração da fé e da vida. Possa o Espírito Santo fazer de todo o nosso ser e agir uma Eucaristia, uma ação de graças a Deus e um dom de amor aos irmãos.

Neste contexto, renovo o meu sentido agradecimento às Autoridades civis, à Senhora Presidente da República, aqui presente, e aos irmãos Bispos, bem como a todos aqueles que colaboraram de várias maneiras para preparar e organizar esta visita. Obrigado a todos! E obrigado ao coro que nos ajudou tanto a rezar bem.

Amanhã deixarei a Grécia, mas não vos deixarei a vós. Levar-vos-ei comigo na memória e na oração. E vós também, por favor, continuai a rezar por mim. Obrigado!